

## EU VOLTEI!

### O autor depois de morto ou novas formas de estudar a autoria

Eu cheguei em frente ao portão  
Meu cachorro me sorriu latindo  
Minhas malas coloquei no chão  
Eu voltei  
(Roberto Carlos, *O portão*)

Eu voltei, agora para ficar, mas não sei se aqui é meu lugar, se sou ainda eu, ou se sou o narrador, ou personagem, ou uma imagem difusa e esbranquiçada. Ou se eu realmente sou alguém para além de uma função, que muda de acordo com a História. Ou talvez eu não tenha voltado sozinho: somos vários nos divertindo na festa da autoria. Ou eu realmente esteja morto e não passe de um fantasma, ou de um zumbi. Ou quem sabe sempre estive aqui, e foi você que não queria me ver.

Ou talvez eu tenha voltado, mas não tenha entrado e estou esperando que alguém abra esse portão.

\*

Se o autor voltou, voltou em dimensões diversas, que se alimentam umas das outras e também se esvaziam mutuamente: o encaixe está longe de ser perfeito. Aqui, fizemos o gesto forçado de separar e manter em pé essas novas formas da autoria, esperando que o leitor as junte e as combine como as bonecas russas que ilustram esta edição, e que, depois da leitura, pense em novas formas de brincar com elas.

### Voltei para cair nas redes do texto!

Os fios do texto, esse espesso “tecido de citações”, não cessam de cobrir e de descobrir o autor. Será que essa figura moderna se dissolveu nas redes do texto, como desejava Barthes quando escreveu “A morte do autor”? Será que ele desapareceu, como se houvesse sido lavado por um potente sabão em pó, dando lugar à estampa berrante do narrador? O autor como responsável pelo discurso literário foi eclipsado como uma velha mancha de vinho tinto. No entanto, os fios do texto são maleáveis – no estica e puxa, os críticos desta seção redescobrem a autoria literária, mesmo que descorada de cândida.

Diante do apagamento do “eu” que emerge da escrita de Beckett, Willian André em **Sobre a autoria na prosa de Samuel Beckett**, conclui que esse movimento, em vez de minar a autoria literária, reforça a ação do autor, que escolhe multiplicar sua voz. Essa multiplicação também se observa em **O funcionamento da autoria na epístola De Profundis de Oscar Wilde**, onde Fernanda Mussalim e Kelen Rodrigues dividem o autor nas três instâncias enunciativas identificadas por Dominique Maingueneau - “escritor”, “inscritor” e “pessoa”. Já Suzette Ali, em **Conflit entre narration et création dans La maison des temps rompus de Pascale Quiviger**, trata da confusão deliberada entre a identidade da narradora e de suas personagens.

E o que dizer do “eu” que se manifesta nos textos modernos e contemporâneos? A autobiografia não poderia deixar de ser um dos grandes assuntos desta seção. Em **What’s in a name? The resurrection of the author in Jamaica Kincaid’s The autobiography of my mother**,

Luciano Cabral analisa o desaparecimento da figura autoral, para concluir que ela ressurge por meio do nome de autor. Roy David Franckel, em **“Quando não utilizar dados biográficos na análise literária: Uma discussão baseada na Analítica existencial de Martin Heidegger e no romance O lobo da estepe de Hermann Hesse”**, aborda a autoficção e defende que o uso da biografia do autor pode estreitar os sentidos de um texto literário. Já Carolina Anglada, em **“Tangenciando o gesto autobiográfico em Michel Leiris e Herberto Helder”**, observa como as obras desses escritores se aproximam pela escrita fragmentária e cheia de devaneios, num contexto de ruptura com o regime de representação da arte. Porque é também nas malhas da incerteza que o autor ressurge – desbotado, porém vivo.

### Voltei para ficar na história!

O autor é uma personagem moderna, afirmava Barthes, produzida ao sair da Idade Média. O que acontecia antes? O nome do autor indicava mais um modo de produção, um estilo, que a referência a um indivíduo, somente depois esse nome recebia uma ancoragem biográfica. É o caso de François Villon a partir do século XV, processo discutido no artigo **“Autor e personagem – François Villon e a nova crítica na França”**, de Daniel Padilha Pacheco da Costa.

Já o século XIX, todos procuravam esse autor biográfico e ocorre uma multiplicação de figurações autorais. Nessa nova cena literária, valorizava-se, por exemplo, o contato direto entre o escritor e o leitor, por meio da ficção do manuscrito encontrado e do depoimento autoral. É nesse contexto que se produziram as duas obras analisadas no artigo **“Quand l’auteur joue à disparaître: figurations autoriales et mystifications à l’époque romantique (Les Veillées du Tasse et Les Soirées de Walter Scott à Paris)”**, de Victoire Feuillebois.

Se o século XV estava marcado pela a questão da atribuição de um corpus poético a um nome da autor (em um momento posterior à produção) e, o século XIX, pela sacralização do escritor capaz de produzir figurações autorais, na cena literária contemporânea estamos diante de uma série de estratégias de inserção no mercado editorial que colocam em xeque nossa relação com a assinatura da obra. Em **“Disfarce e fraude autoral: por uma reconstituição do sujeito empírico na escrita”**, Caio Cagliardi diagnostica o comércio da imagem autoral a partir da diferença entre o processo de alteração da assinatura (disfarce) e o de corrupção do dado real relacionada ao autor (fraude). A partir da leitura de “falsas” memórias publicadas a partir da segunda metade do século XX, ele reflete sobre o modo como os leitores têm reagido a tais embustes e, logo, se relacionado com a instância autoral.

### Voltei para a festa!

Já se falou sobre o tecido formado pelas linhas dos textos e sobre as máscaras dos autores para serem reconhecidos pelos outros. Vestidos e aparatados, os escritores estão prontos para o baile. Uma das danças principais desse baile, a *citare*, já revela o motivo do baile: *colocar os autores em movimento, fazê-los passar do repouso à*

ação. Entre uma dança e outra, escuta-se uma conversa entre Mário e Luís: “Uns imitam por incapacidade. Outros para ensaiar asas”. Márcia Regina Machado relata as conversas íntimas dos modernistas Mário, Manuel, Carlos e Luís no artigo “**Posso roubar as suas frases?: Modernistas brasileiros debatem o tema da autoria**”. Mas se existe alguém no baile que reflete muito sobre as próprias máscaras é Rosa. Este, sim, é um verdadeiro colecionador de máscaras: as que constrói para si (em entrevistas, cartas e como autor) e as que lhe ofertam os críticos (em rodapés literários, textos de divulgação editorial, artigos acadêmicos e publicitários...), como podemos observar no texto “**O autoarquivamento do autor em seus ábuns – Guimarães Rosa e a Crítica Literária**”, de Mônica Gama.

Novos mascarados aparecem a todo o momento. Alguns canônicos rabugentos torcem o nariz, perguntando quem convidou os inúmeros anônimos para o baile dos Escritores. Um dos fantasmas responde que recebeu o convite pelo *Facebook*. “E que máscara é esta que você está usando?” O desconhecido responde orgulhoso: “Sou um *fandom*”. Observando o baile nesse espaço veloz e sem fronteiras que é a *Web*, Patrícia Nakagome e Raquel Murakami discutem os movimentos dos autores e leitores nos ambientes virtuais em “**Autoria em questão na era da cibercultura**”.

## Voltei como zumbi!

Voltamos onde tudo começou, ou melhor, onde tudo terminou. Nesta seção, desenterramos textos de Barthes e Foucault e olhamos atentamente para o cadáver que eles nos deixaram. Em “**A morte do autor: um retorno à cena do crime**”, de Sérgio Bellei, vemos um romântico Barthes que sonha com o desaparecimento da tirania autoral e um cético Foucault que afirma que a função autoral pode mudar de forma, mas dificilmente desaparecerá. Já o Barthes de Carolina Bellocchio, em “**Da morte ou o entrar na escritura: enunciação em Barthes e Benveniste**”, não é tão romântico assim: ele mata o tirano dono da verdade do texto, mas também propõe um novo autor, que não é mais uma “pessoa civil”, mas um sujeito da enunciação. Eurídice Figueiredo em “**Roland Barthes: da morte do autor ao seu retorno**” introduz um novo companheiro de crime para Barthes: Maurice Blanchot. Juntos, eles enterram o último escritor sem deixar de alertar que ele pode voltar como um zumbi, dando entrevistas, comparecendo a feiras e bienais e dando depoimentos em programas de televisão e blogs.

## Eu sempre estive aqui, foi você que não me viu!

E. D. Hirsch Jr., em “**Validade em interpretação**”, traduzido por Samira Murad, critica todos aqueles que algum dia pensaram que o autor tinha sido atingido, morto e enterrado. Seu alvo não é Barthes, mas Eliot, Pound e “seus amigos” que ajudaram a difundir a mítica ideia de que o texto carrega “seu sentido”. Um a um, Hirsch Jr.

derruba todos os argumentos em favor da autonomia da linguagem, para afirmar que não há uma terra mágica de sentidos fora da consciência humana, há sempre uma pessoa emprestando sentidos particulares às palavras do texto.

### Eu parei em frente ao portão...

O nosso exercício de estilo, “**Narração, realismo e autoria na história e no romance**”, de Renato Prelorenzou, é um diário de uma pesquisa acadêmica sobre J. M. Coetzee e Carlo Ginzburg que não consegue ter fim. O autor não quer mostrar como sua matrioshka é bela e bem talhada. Ele quer contar a história de quantas vezes encontrou a madeira úmida e não podia fazer nada além de atear fogo à sua criação.

Carolina Augusto Messias

Claudia Amigo Pino

Gisela Anauate Bergonzoni

Mônica Gama

**Referência eletrônica:** MESSIAS; Carolina Augusto; PINO, Claudia Amigo; BERGONZONI, Gisela Anauate; GAMA, Mônica. Eu voltei! O autor depois de morto ou novas formas de estudar a autoria. [Editorial]. Rev. Cria. Crít., São Paulo, n. 12, p. 1-4, jun. 2014. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mm aaaa.

**DOI:** <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i12p1-4>.